

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Métaphysiques cannibales: lignes d'anthropologie post-structurale*. Tradução de Oiara Bonilla. Paris: Presses Universitaire de France, 2009. p. 203.

Rafael Rocha Pansica

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: rpansica@hotmail.com

Métaphysiques cannibales: lignes d'anthropologie post-structurale é o livro mais recente do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, publicado pela Presses Universitaire de France em 2009, com tradução para o francês de Oiara Bonilla. A proposta central do livro, sugerida já no título, consiste em repensar o empreendimento antropológico a partir das etnoantropologias praticadas pelos povos ameríndios ou, dito de outro modo, a partir das filosofias da relação implicadas em suas metafísicas canibais. Para o autor, as teorias antropológicas devem se constituir como *versões* das teorias nativas.

O que está sendo proposto aqui é o estabelecimento de certa relação de continuidade entre os discursos do nativo e do antropólogo.¹ Mas que relação é essa? A proposta de Viveiros de Castro se fundamenta sobre o pressuposto de que os termos desse encontro intersubjetivo estão *implicados* na relação que estabelecem: implicação assimétrica, visto que os termos são diferentes e irreduzíveis entre si. O ponto é que essa implicação significa uma desterritorialização gradual de cada um dos termos envolvidos e, conseqüentemente, a transformação deles: longe de uma identificação mútua (pois os termos são irreduzíveis), a transformação dos termos se dá como um processo de autodiferenciação. É por isso que, para o autor, o objetivo do antropólogo não deveria ser o de se tornar um nativo, mas o de diferenciar seu próprio pensamento, multiplicando-o das questões

postas pelas filosofias e pelas metafísicas nativas. Entrevê-se, aqui, como um dos corolários dessa proposta leva adiante o imperativo político-metodológico do reconhecimento do nativo como um sujeito: aqui se trata, mais ainda, de reconhecer os nativos como *criadores*, uma espécie bem-vinda de teóricos ou filósofos a levantar questões que interessam ao antropólogo. Cabe observar, no entanto, que as questões nativas se mostram muitas vezes completamente diferentes das que o antropólogo formula: as coisas se passam desse modo porque o campo de ação e relação do antropólogo não se manifesta como um uni-verso: ao contrário, o ponto de vista do antropólogo se constitui no espaço de implicação das diferentes ontologias e relação; no espaço da “síntese disjuntiva” (*sensu* Deleuze) dos discursos do antropólogo e do nativo.

Dados os pressupostos, resta pensar a prática antropológica. Como na relação com outrem o antropólogo deve multiplicar seu próprio pensamento e estabelecer uma autodiferenciação conceitual? Como propor uma teoria que seja uma versão das teorias do povo com quem convive? Viveiros de Castro propõe a autodiferenciação como uma relação de sentido fundamentada nas *equivocações* do encontro intersubjetivo. Por equivocação o autor se refere, aqui, a um acordo conceitual aparente estabelecido nas relações de sentido entre os discursos do antropólogo e do nativo – acordo aparente, porque oculta um mal-entendido mais fundamental (claro está que nem todo acordo conceitual entre os discursos é aparente, mas muitos são...). Dito isso, trata-se de saber perceber as diferenças operantes em um acordo conceitual que imaginávamos ter estabelecido com o discurso de outrem: tarefa que nos leva a restabelecer, em novos termos, a relação de sentido com o discurso do nativo, reformulando nossas questões. Trata-se, portanto, de um passo adiante na pesquisa, o que equivale a afirmar que as equivocações não se constituem como obstáculos. Ao contrário, é preciso saber estabelecê-las para então seguir investigando a partir delas. Mas como estabelecê-las? Aplicando nossos conceitos na economia teórica nativa, observando seu comportamento para anotar seus pontos cegos e destacar aquilo que eles não puderam entender apropriadamente. Eis a habilidade

do antropólogo: saber perceber a alteridade referencial naqueles acordos conceituais aparentes, estabelecidos na relação entre os discursos. Assim, por exemplo, ao pesquisar e descrever o perspectivismo ameríndio como um regime ontológico interspersivo dado nas relações sociais entre as diferentes espécies (os homens, os porcos, as onças...), Viveiros de Castro percebeu que o conceito nativo de ponto de vista não era o mesmo conceito de ponto de vista que compunha seu instrumental analítico: a homonímia dos conceitos não garantiu a eficácia analítica de seu aparato conceitual, de modo que foi preciso, para o autor, modificá-lo a partir da teoria implicada nas concepções nativas sobre o que é um sujeito, um ponto de vista, uma apreensão etc. Em suma: esse processo de investigação se dá, justamente, como um processo de autodiferenciação conceitual ou de multiplicação do pensamento do antropólogo.

Nesse ponto do argumento é possível retomar a proposta anunciada nas primeiras linhas desta resenha. Esse fazer antropológico proposto por Viveiros de Castro tem, como inspiração direta, a filosofia da relação implicada nas metafísicas canibais ameríndias. Se não, vejamos. A sugestão do exercício antropológico como sendo o da multiplicação do pensamento do antropólogo, a partir do estabelecimento de uma experiência conceitual com o pensamento nativo, remete, imediatamente, ao trabalho do autor sobre a dinâmica relacional que descreve o canto cerimonial do *moropin'ã* araweté, que entoia suas canções a partir do ponto de vista do inimigo (Viveiros de Castro, 2002): a imanência do outro é, de modo geral, o objetivo envolvido no canibalismo tupi, tomado, pelo autor, como modo de subjetivação. Da mesma maneira, a proposta da equivocação como um método de tradução antropológico me parece, de modo geral, inspirado no xamanismo amazônico e, em particular, na assimetria de perceptos que descrevem os encontros intersubjetivos do perspectivismo ameríndio. Enfim, a teoria proposta neste livro se constitui como uma *versão* das teorias ameríndias, de modo que o autor não está apenas a propor outro fazer antropológico (ou, melhor dizendo, um “fazer antropológico outro”), ele também o exemplifica e o pratica neste livro.

Mas há uma segunda tese no *Métaphysiques cannibales*, a de reconhecer que essa nova proposta não é exatamente inédita. Para Viveiros de Castro, ela se constitui também como o desenvolvimento de certos pontos da obra de Lévi-Strauss, autor que certa vez descreveu a antropologia como “a ciência social do observado”: uma ciência que adota o ponto de vista do “sistema de referência fundado na experiência etnográfica” (Lévi-Strauss, 1967, p. 404). É nesse sentido que Viveiros de Castro qualifica sua proposta – e a de outros antropólogos como Roy Wagner, Bruno Latour e Marilyn Strathern – como uma proposta pós-estruturalista, procurando constituí-la como desenvolvimento ou problematização positiva de certos *insights* lévi-straussianos: em especial aqueles trabalhados nas *Mitológicas* (a tetralogia, propriamente, e os três livros que a acompanham: *A via das máscaras*, *A oleira ciumenta* e *História de Lince*), como, por exemplo, o da dinâmica transformacional de um “dualismo em perpétuo desequilíbrio”. Por fim, o pós-estruturalismo da proposta do *Métaphysiques cannibales* se constitui também em *rizoma* com a obra de G. Deleuze e F. Guattari, autores que, segundo Viveiros de Castro, souberam extrair do estruturalismo as intuições mais originais sobre a filosofia da relação e da diferença implicada nesse movimento, para então seguir por outros caminhos. A leitura do trabalho deleuze-guattariano como pós-estruturalista constitui-se como tese que o autor vem defendendo com o filósofo Patrice Maniglier: essa tese se sustenta, entre outros pontos, na observação de que a linguagem analítica deleuze-guattariana também passa pelo vocabulário binário do estruturalismo, embora seja desenvolvido aqui em aliança com o que está envolvido nos processos semióticos da metonímia, da indicialidade e da literalidade (recusando, assim, a metáfora, tão estruturalista). De todo modo, a obra de Deleuze e Guattari é inspiração direta do *Métaphysiques cannibales*: em primeiro lugar, ao propor repensar a antropologia, parece-me que o empreendimento deste livro remete àquele realizado em *O que é filosofia?* (Deleuze e Guattari, 1991), mas, mais importante, as linhas para uma antropologia pós-estrutural ou antinarcísica se tecem através do uso de conceitos

deleuze-guattarianos como multiplicidade, devir, síntese disjuntiva, desterritorialização, implicação etc.

É por isso tudo que comemoramos a chegada de *Métaphysiques cannibales* e de sua antropologia política que nos parece, verdadeiramente, um instrumento insurrecionário, ao propor dispor os discursos nativos em posição de transformar os discursos antropológicos e, assim, o que é mais importante, ajudar no processo de autodeterminação conceitual (ou seja, ontológica) dos povos do planeta.

Nota

¹ Uma relação de continuidade e de *equivalência* epistemológica, pois se trata da interação entre dois discursos, duas teorias.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lugar da antropologia nas ciências sociais e os problemas colocados por seu ensino. In: _____. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 385-424.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A imanência do inimigo. In: _____. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 265-294.

_____. Perspectival Anthropology and the Method of the Controlled Equivocation. *Tipiti*, UK, v. 2, n. 1, p. 3-12, 2004.

Recebido em: 04/06/2011

Aceite em: 25/10/2011